

insólito episódio das invasões, que são verdadeiras palafitas construídas em terra firme, com perdão do absurdo. A morte pode ter poupado à extrema sensibilidade do poeta mais essa tristeza, mas sei onde ele se encontraria hoje se aqui ainda continuasse conosco: seria uma voz poderosa entre os que se insurgem contra as injustiças sociais, à procura de uma oportunidade para oferecer aos pobres, contra a má distribuição das terras e em favor da reforma agrária.

Numa lúcida tentativa de análise da hora que estamos vivendo é preciso distinguir o que é racional do que é meramente emocional. Tribuzi não era emocional: era emotivo, como todo poeta, que sempre se procurou guiar segundo o que lhe aconselhavam as raízes positivas dos problemas e das situações. Que não lhe tocassem na Ilha, mas sabia, como todos os que realmente a amamos, que a cidade está pagando o custo de uma transformação política, econômica e social que se destina a recolocar o Maranhão inteiro — e não apenas a sua capital — no mapa do País, aonde para chegar teria que percorrer caminhos perigosos, mas necessários. O chamado êxodo rural, essa louca e desordena-

da corrida para a cidade, não é apenas uma resposta fácil a um apelo dramaticamente humano, desesperado, mas essencialmente humano, que corresponde a uma vaga promessa de vida melhor na cidade, isto é, de saúde e educação para os fi-

lhos, principalmente. Esse êxodo foi igualmente provocado pela invasão dos campos pelas máquinas, pelos tratores e arados. Isso é progresso, e o Maranhão teria, necessariamente, que passar por essa fase, a despeito de todos os problemas e di-

ficuldades. Não é só a poesia de Tribuzi que está fazendo falta, mas sua palavra esclarecida, a sua capacidade de liderança, que já exerceu, quando nos mostrou os novos caminhos da poesia moderna e recriou, no espírito dos jovens de seu tempo, a própria poesia maranhense.

